



O CINEMA DE ANTÓNIO DE MACEDO

«Almada Negreiros e a sua Época», de António de Macedo, conquistou o 1.º Prémio de Curta-Metragem no Festival de Valladolid. MARIA TERESA HORTA falou com o cineasta e, ao mesmo tempo, reencontrou Almada.

— Um filme sobre Almada Negreiros? Como te surgiu a ideia?

— Tudo começou com uma espécie de encomenda que o antigo S. N. I. fez ao produtor Francisco de Castro para um filme sobre Almada Negreiros e a sua época.

— O S. N. I.?

— Sim. Em princípio, esse filme destinava-se a acompanhar uma exposição de pintura portuguesa, a realizar, segundo me recordo, em Bruxelas, Madrid e creio que Paris. Por sua vez, o produtor Francisco de Castro veio ter comigo e perguntou-me se eu estaria interessado em dirigir a realização do filme.

— E porque é que aceitaste?

— Aceitei, porque o projecto me parecia muito interessante, fez-se o guião, e aguardou-se a concretização económica da proposta. Infelizmente, as demoras burocráticas foram tão grandes, que quando veio a «luz verde» a tal exposição de pintura já tinha passado há dois anos!

— Isto quer dizer que entre o teu filme e o de Ernesto de Sousa sobre o mesmo tema não existe nenhuma relação?

Com excepção do principal intérprete, claro que não.

— Mas sabias que ele estava a trabalhar num filme com tema idêntico...

— Não, durante muito tempo, ignora-se que o Sousa estava a trabalhar num filme sobre Almada Negreiros, o mesmo acontecendo com ele em relação a mim.

— Mas nunca chegaram a trocar impressões sobre o assunto?

— Sim, mais tarde, conversámos mesmo bastante sobre o assunto, trocámos impressões, e pudemos constatar que ambos os filmes obedeciam a

estruturas cinematográficas radicalmente distintas.

— Achas que o teu filme é suficientemente esclarecedor sobre a personalidade de Almada Negreiros?

— Tirando o facto que o filme dura vinte e três minutos e Almada Negreiros dura há setenta e sete anos, e que todos os resumos são por definição mentirosos, parece-me, em todo o caso, que consegui transmitir, com suficiente aproximação, o carácter irreverente, explosivo e multifacetado da personalidade de Almada.

Habilidosamente, António de Macedo, desvia, com um sorriso, a pergunta, apontando-me o «caminho» aliciança da personalidade de Almada Negreiros... Logo o vício de recordá-lo, como sempre no seu contínuo grito de firmeza.

Sou Pan-Demónio-Trifauce enfermeiro
[de Gula]

Sou Génio de Zaratrasta em Taças de
[Maré-Alta]

Sou Raiva de Medusa e Danação do Sol!

Ladram-Me a Vida por vivê-La
e só me deram Uma!
Hão-de Lati-La!

...

Recuo a tempo à beira do precipício da memória... e com um sorriso, também, tento «atacar» noutro sentido...

— Como sabes, foi muito criticado o facto de a tua curta-metragem ir juntamente com «Os 5 Avisos de Satanás». Porque é que consentiste nisso?

— Não estava na minha mão consentir ou impedir, porque os aspectos industriais da distribuição e da exibição caem fora da alçada do realizador como artista.

— Como é isso?

— Uma vez o filme feito, e entregue

ao produtor, o realizador, segundo a lei, somente fica detentor da propriedade intelectual.

— Quer dizer...

— Que nenhuma entidade particular (incluindo o produtor) pode modificar o filme em nenhum dos seus aspectos. Já por outro lado, o produtor, sendo proprietário legal do filme como objecto físico, pode exibi-lo onde lhe apetece, ou até nem sequer exibi-lo.

— Mas sabias, pelo menos, que o teu filme tinha ido a Valladolid...

— Claro que sabia.

— Acreditavas na possibilidade de alcançar o primeiro prémio?

— Bom, quando um filme nosso concorre nalgum festival, é evidente que há

sempre uma certa «esperança», embora o realizador português tenha perfeita consciência que o «seu» filme, feito em Portugal com as limitações que se conhece, vai enfrentar num festival internacional, o que de mais perfeito no género as cinematografias estrangeiras produzem. Isso conduz naturalmente a uma certa pré-resignação rácica: se o filme português não receber nenhum prémio, bom, não admira... Mas se sucede o contrário, então é caso para se ficar duplamente regozijado.

— Ganhar um prémio num festival internacional será assim tão significativo para nós?

— Significa, para já, uma coisa importantíssima: se os realizadores portugueses quiserem dar o máximo do seu esforço, e unidos, as limitações acabam por se transformar em fantasmas. O que é preciso é não parar.

— Disseste «e unidos», em relação aos realizadores portugueses. Estás a pensar na Cooperativa de Cinema?

— Entre outras coisas —, sim.

— Gostaria que falasses mais sobre a Cooperativa.

— Por enquanto, pouco há a dizer,



«Nojo aos Cães»

a não ser que continuamos à espera da aprovação dos estatutos.

— Mas isso não tinha sido já resolvido?

— Não, porque se levantou um problema de competência legal, sobre qual seria a entidade que deveria aprovar os estatutos. Primeiro pensou-se que seria a Secretaria de Estado, mas depois de colhido o parecer da Procuradoria-Geral da República, fomos informados de que os estatutos do Centro Português de Cinema (cooperativa de cineastas, subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian) deveriam ser aprovados pelo Ministério do Interior e pelo Ministério do Ultramar. Por outro lado, a Cooperativa (que legalmente, por conseguinte, ainda não existe) não pode levantar da Fundação o subsídio que já lhe foi atribuído. Não temos outro remédio senão continuar à espera que os meandros da burocracia oficial se deslinhem.

— Ouvi dizer que estavas a fazer um filme de longa-metragem e pensei que fosse por intermédio da Cooperativa, mas pelo que acabas de dizer...

— Não, não tem nada a ver com a Cooperativa. Resolvi eu tomar conta da realização e da produção, em produção associada com a Ulyssea Filme (por intermédio do eng.º José Gil) e com o produtor Francisco de Castro. Eu, o eng.º Gil e o Castro reunimos os nossos esforços e decidimos fazer uma experiência que me parece bastante curiosa.

— Qual é o tema?

— É um bocado difícil de resumir em duas linhas. Baseia-se numa reunião de gente jovem, e faz apelo a vários improvisos cénicos, dentro do espírito do que se faz actualmente em certo teatro de vanguarda. Por outro lado, dentro do ponto de vista estritamente cinematográfico, creio tratar-se de uma experiência insólita e nova — pelo menos dentro da nossa cinematografia. Por exemplo, não existe « direcção de actores », no sentido tradicional do termo. A presença humana (corporizada por elementos do Grupo Cénico da Faculdade de Direito), tal como a câmara de filmar, faz parte das « estruturas móveis », em contraponto com as « estruturas imóveis » (« décor », estátua, câmara fixa, etc.).

— Qual é o título?

— « Nojo aos Cães ».

— Porque?

— Porque sim.

Desta vez não há subterfúgio, nem sorriso, António de Macedo, tem no rosto a dureza da recusa... sinto porém que a sua recusa não é um capricho, que a sua atitude tem por raiz um motivo forte que talvez até o fira um pouco, o magoe... e empreste mesmo aquele jeito amargo e cerrado dos lábios. Nem sempre se pode responder ao que mais nos interessa...

É tempo de voltar a Almada Negreiros.

*E eu vivo aqui desterrado e Job
da Vida-gêmea d'Eu ser feliz!
E eu vivo aqui sepultado vivo
na Verdade de nunca ser Eu!
Sou apenas o Mendigo de Mim próprio,
Orfão da Virgem do meu sentir*

difficultades nas tuas relações com Almada Negreiros?

— Nem por sombras. Conservo desses momentos uma recordação agradávelíssima. Eu não conhecia pessoalmente Almada Negreiros, antes de ter surgido a oportunidade do filme. Sei agora que o convívio com Almada é uma experiência incomparável. Quer do ponto de vista humano, quer intelectual. A conversa de Almada é desconcertante, mas com ele aprende-se constantemente, quer a gente queirs, quer não.

— Foste tu que escolheste a Natália Correia e o David Mourão-Ferreira para entrevistar o Almada?

— Não, foi o próprio Almada.

— Fala-se sobre essa escolha, dizendo as pessoas não concordarem na escolha por ser a poesia destes dois poetas, conservadora em relação à linguagem poética do Almada... O que pensas sobre isto?

— Não vejo porque há-de ser forçoso procurar-se um tipo de relação entre a linguagem de Almada e a do David ou da Natália. As conversas foram captadas em directo. Ambos fazem parte do círculo de amigos de Almada, entretêm diálogos com muita frequência, pareceu-me não só natural como até importante que o filme testemunhasse alguns desses diálogos.

— No confronto de Almada com a juventude, o que é que pretendeste? Mostrar que Almada está muito longe, ou, pelo contrário, muito perto dela?

— Não pretendi tanto. Fui apenas movido pela curiosidade de me informar se Almada estava ou não integrado nos problemas da actualidade.

— E a que conclusões chegaste ou pretendeste a que o espectador chegasse?

— Pois bem: as reflexões dele sobre o mundo de hoje, sendo extremamente



lúcidas e irónicas, revelam simultaneamente a universalidade do artista a cuja observação nada escapa, e isto constantemente, ao longo de uma vida extremamente intensa.

— As perguntas para as gravações foram preparadas?

— Não. As respostas de Almada Negreiros são espontâneas e sem qualquer preparação prévia. Ele nunca soube o que se lhe ia perguntar... Os diálogos foram improvisados e captados em directo.

Alguns desses diálogos:

«— Qual é a sua opinião sobre os Estados Unidos da América? »

«— Necessito vinte anos para responder.

«— Que pensa sobre Paulo VI? »

«— Que gostaria imenso de saber italiano como ele sabe português.

«— Que pensa do homem português de hoje? »

«— Que é capaz de ser português. »
Aqui interrompo a curta leitura dos diálogos, para lembrar a António de Macedo, a propósito desta última resposta, aqueles versos de Almada Negreiros lidos em 1915:

*Zute! elefante-berloque parasita do não
[prestat*

Zute! bugiganga-celuloide-bagatela!

Zute! besta!

Zute! bácoro!

Zute!

E talvez haja uma certa exitação no tom da minha voz...



— Durante as filmagens, encontrei

«O carácter irreverente, explosivo e multifacetado da personalidade de Almada»